

Os que vão morrer, saúdam...

JORNAL DE BRASÍLIA

GERSON GABRIELLI

Brasil 11 JUL 1995

Vivemos um período de profundas apreensões e de indignação. Fomos motivados com as propostas desenvolvimentistas contidas no "Plano de Estabilização" que não passaram de um conjunto de medidas monetárias. Prometeram-nos regras claras e estáveis. De pronto respondemos com entusiasmo.

Acreditamos. Ampliamos nossas empresas, formamos estoques, reformamos lojas, contratamos mais funcionários, fomos aos bancos que acenavam com juros de 2% ao mês, ampliamos linhas de créditos aos consumidores.

Acreditamos. Hoje a realidade é dramática. As medidas de ajuste, recessiva, quebraram regras estabelecidas, e derrubaram o consumo e o lojista. Os juros reais estão em 14% ao mês com uma inflação de 2%. Os bancos fecharam suas carteiras de empréstimos, recusam-se a negociar dívidas, pressionam.

O novo Congresso Nacional não deve se omitir, como aconteceu com o anterior que não regulamentou o artigo constitucional que limita os juros em 12% ao ano.

As últimas medidas que atingiram o cheque pré-datado, tiraram a possibilidade que os pequenos empresários tinham de saldar seus compromissos a curto prazo trocando os cheques com os bancos. Tiveram sua liquidez liquidada.

Faltam recursos para pagar funcionários, fornecedores, impostos etc. Convivemos com o fantasma do fechamento de lojas e do desemprego.

A política econômica e o sistema financeiro nacional, que deveriam estimular e financiar o ciclo de produção, tornaram-se um cemitério de empresas e sonhos, agravado por uma carga tributária escorchante e pesada, que drena a saúde das empresas, compondo uma equação macabra e aterradora.

A histeria anticonsumista tomou conta do Governo Federal. Lastreados na assertiva nazista de Joseph Goebbels, segundo a qual a mentira repetida

dez vezes vira verdade, não se cansam de repetir que consumir é ruim.

Vencemos a ditadura militar; convivemos com a ditadura econômica. É preciso impor limites a este poder imperial do Ministério da Fazenda.

O Plano Real precisa ser para nós brasileiros um caminho de esperança e não de armadilha. Desde sua implantação já ocorreram seis intervenções e um pacote tributário. O Governo FHC revela-se um dos mais intervencionistas da história contemporânea.

Só falta colocar o Exército nas portas das lojas para evitar que as pessoas entrem para comprar.

O Brasil vem sendo dirigido, observando-se apenas o desempenho de algumas regiões e setores da Avenida Paulista. Contestamos os números dados pelo ministro quanto ao aquecimento generalizado do consumo. Aonde ele achou os 40% de aumento da demanda?

Não foram observadas diferenças municipais, estaduais e regionais. Não foram observadas diferenças setoriais. Observa-se uma profunda imperícia na política de importações. O déficit público agiganta-se.

Não, não concordamos com a política econômica. Os ministros precisam viajar mais, conhecer o Brasil real. Até compreendemos e lamentamos suas dificuldades em entender a realidade e necessidades porque passam os três milhões e meio de pequenos empresários.

Eles nunca tiveram empresa, nunca geraram empregos, nunca tiveram títulos apontados em cartórios, devendo e sendo pressionados por bancos, vendo seus funcionários de braços cruzados, sem condição de pagar fornecedores e impostos e sentindo o cheiro mortal da insolvência. O ministro diz que é choroadeira de lojista.

Senhor ministro, o senhor precisa respeitar mais quem trabalha e quem produz, quem gera mais de 15 milhões de empregos, e que acreditou nas propostas do Governo.

Deveria existir uma lei ou uma norma que todo ministro da Fazenda

deveria ter tido uma experiência numa empresa privada, para, quem sabe, ser mais sensível ao clamor dos pequenos empresários. Eles só conhecem a lógica dos grandes.

Mas, senhor ministro, a dor dos pequenos tem lógica. Na maioria das vezes, esses "bilhantes" teóricos criam dificuldades incontornáveis para a vida das empresas, mas, nada lhes acontece. Quando saem do ministério já têm seus lugares garantidos num bom emprego, num banco ou numa grande empresa, e, muitas vezes, depois do estrago, deixam o Governo e percorrem o País, e aí sim, fazendo palestras tentando justificar o injustificável, cobrando fortunas por palestra, em dólares ou reais.

É preciso que a pequena empresa saia do discurso dos candidatos às vésperas de eleições, quando a pequena empresa vira solução para tudo no País, para tornar-se uma realidade e prioridade dos eleitos.

Urge flexibilizar as medidas que geraram toda esta angústia e indignação. Restabelecer linhas de crédito de longo prazo, reduzir taxas de juros para ainda salvar empresas em dificuldades.

Continuamos a apoiar o Governo do presidente FHC, continuamos lutando pelas reformas constitucionais e, principalmente, acreditando no País.

Mas, senhor Presidente e senhores ministros, é preciso ter mais atenção e respeito com quem gera empregos, trabalha e produz por este País. É fundamental que os pequenos sejam ouvidos, pois eles representam 95% da produção e da distribuição no Brasil.

Mas, senhor Presidente e senhores ministros, precisamos restabelecer a crença no que os senhores falam, prometem e afirmam, precisamos resgatar a confiança e a esperança do cidadão e dos pequenos empresários nos homens que dirigem a Nação.

Mas, senhor Presidente e senhores ministros, nós não estamos precisando de conselhos e sim de bons exemplos.

■ Gerson Gabrielli é presidente da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas